

**O IDEAL DE AMOR ROMÂNTICO:
UMA ANÁLISE DE O MOÇO LOIRO, DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO¹**

Débora Teles dos Santos²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir *O moço loiro* (1845), de Joaquim Manuel de Macedo. Para tal analisamos alguns personagens a fim de compreender como suas ações representam a sociedade de sua época e suas transformações, agindo como uma ferramenta ideológica. Partimos do conceito de que o romance retrata, novas forma de se conceber a sociedade e as relações amorosas.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882 - Crítica e interpretação. O moço loiro - Crítica e interpretação. Romance brasileiro.

ABSTRACT

The present work aims to discuss *O moço blond* (1845), by Joaquim Manuel de Macedo. For this, we analyzed some characters in order to understand how their actions represent the society of their time and its transformations, acting as an ideological tool. We start from the concept that the novel portrays, new ways of conceiving society and love relationships.

Keywords: Brazilian literature. Brazilian romance. Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882 - Criticism and interpretation. *O moço loiro* - Criticism and interpretation.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ludmylla Mendes Lima.

² Graduanda na Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o romantismo se apresentou à mesa da modernidade trazendo boas novas de liberdade, singularidade e individualismo no amor. Segundo Rüdiger (2012), o amor romântico aparece como uma solução para casamentos fracassados, em um contexto em que o patriarcalismo assumia uma nova configuração diante dos ideais de liberdade apresentados, sobre isso Rüdiger escreveu:

A perspectiva de viver um relacionamento erótico e sentimental só passou a ser vista de forma mais positiva após a Primeira Guerra Mundial. Desde então, o romantismo, entretanto, ganha centralidade entre os ideais modernos de felicidade, ao ajustar expectativas utópicas de uma era individualista, por meio da exploração cada vez maior das fantasias hedonistas, pelo capitalismo. (RÜDIGER, 2012, p 150)

Tais acontecimentos resultam numa quebra das relações entre sexos, a mulher começa a assumir uma posição diferente nas transações de ordem matrimonial, devido a sua emancipação política e o avanço do individualismo, tendo como propulsor o capitalismo. Em *O moço loiro*, de Joaquim Manuel de Macedo, exerce seu amor como bem entende, e emprega em sua busca amorosa as ferramentas que lhe apraz, fazendo suas próprias escolhas, sem necessariamente medi-las com as réguas que regiam as condutas sociais de sua época, dessa mesma força busca proporcionar a sua amada essa mesma liberdade de escolha, em dado momento da história, exercendo, assim, os ideais de liberdade, igualdade e emancipação da modernidade que acompanhavam o romantismo da época.

A partir dos estudos de Ian Watt (1990) sobre o amor e o romance, podemos definir que o ideal de amor que analisaremos aqui se insere no gênero romance que preza pelo sujeito, pela apresentação do contexto em que os acontecimentos e personalidades estão inseridos, buscando a representação de vivências individuais.

Ademais, tal gênero apresenta o realismo como seu principal elemento de distinção das obras românticas em relação às que foram produzidas antes dela, sendo o realismo a tentativa de apresentar as experiências, de acordo com Watt:

Entretanto esse emprego do termo “realismo” tem o grave defeito de esconder o que é provavelmente a característica mais original do gênero romance. Se esse fosse realista só por ver a vida pelo lado mais feio não passaria de uma espécie de romantismo as avessas; na verdade, porém, certamente procura retratar todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida representada, e sim na maneira como a representa. (WATT, 1990, p13)

Considerando o que foi dito anteriormente, este trabalho partirá do conceito de que o romance é o conjunto de ações humanas de determinado tempo, apresentado por Gyorgy Lukács (1999) para entender como o ideal de amor romântico apresentado na obra a ser analisada dialoga com a sociedade da época em que ela foi escrita, bem como, compreender tal produção literária como uma ferramenta ideológica, a saber, como o romance interferiu no ritmo da sociedade e foi influenciado por ele.

Tendo estabelecido as lentes que serão intermediárias das nossas perspectivas ao longo deste trabalho, surge a questão central: como a literatura do gênero romance influenciou *O moço loiro*. A partir dessa definição nos propusemos a analisar como as ações das personagens representam as mudanças que aconteciam na sociedade da época e como as definições de amor trazidas pelas obras românticas provocaram mudanças no ideal de sua sociedade.

Para desenvolver tais objetivos foi feito o estudo de artigos, textos e livros que discorrem sobre o tema proposto, além disso, analisamos a obra *O moço loiro*, de Joaquim Manuel de Macedo, a fim de poder apanhar na própria obra os conceitos e hipóteses desse trabalho, dessa forma nossa metodologia se baseou numa revisão bibliográfica que nos permitiu uma melhor compreensão do tema.

A fim de alcançar o objetivo central, organizamos esse trabalho em cinco partes. Esta introdução compõe a primeira parte, na segunda parte discutimos sobre o romantismo, suas principais características e como este se desenvolveu no Brasil. Quanto à terceira parte, apresentamos uma breve biografia de Joaquim Manuel de Macedo e sua importância para o desenvolvimento do romantismo no Brasil. Na quarta parte, iniciamos a análise da obra, começando pela oposição de ideais romântico das personagens Honorina e Raquel, passando pelo herói romântico Lauro, discorrendo sobre a representação de suas ações, e analisando as outras formas de amor apresentadas na obra, a fim de contemplar o realismo presente no gênero romance. Na quinta parte, desenvolvemos algumas considerações finais a partir do que foi analisado e desenvolvido anteriormente.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANTISMO

Embora Watt (1990) reconheça Richardson e Fielding como criadores de uma nova forma literária que representava uma ruptura com as produções ficcionais que vinham sendo produzidas até então, não é possível atribuir a eles a criação de um consenso em torno do que caracteriza o gênero romance. Para WATT:

É verdade que Richardson e Fielding se consideravam criadores de uma nova forma literária e viam em sua obra uma ruptura com a ficção antiga; porém nem eles nem seus contemporâneos nos forneceram o tipo de caracterização do novo gênero do qual precisamos; na verdade sequer assinalaram a diversidade de sua ficção mudando-lhe o nome - o termo “romance” só se consagrou no final do século XVIII. (WATT, 1990, p 12)

Um ponto de partida para a criação deste consenso foi a identificação do realismo como principal elemento de diferenciação entre a produção dos autores românticos do início do Século XVIII e o que vinha sendo produzido até então. Entretanto, isto não basta, mesmo porque não contribuiria em nada descrever o realismo como característica fundamental das produções românticas, o que por inversão significaria afirmar que as produções literárias anteriores estariam perseguindo o irreal, ou seriam essencialmente produções simbolistas (WATT, 2009).

De acordo com Lukács (2015), os primeiros esboços no caminho de uma teoria do romance partiram de observações realizadas pelos próprios romancistas, que alegavam ter criado um novo gênero literário de maneira plenamente consciente, embora ainda não fossem capazes de consolidar conceitualmente o gênero em suas generalizações teóricas.

Esta associação do realismo com a produção dos autores românticos teria partido da escola dos realistas franceses por volta de 1835, oportunidade em que o termo teria sido empregado para descrever a verdade humana presente em Rembrandt em contraste com a idealização poética da pintura neoclássica. E a noção teria sido transplantada para a literatura em 1856 com a fundação do jornal *Réalisme* por Duranty (WATT, 2009).

Fernando Cesar dos Santos (2014) considera que esta dificuldade em se definir o conceito de romantismo se deve a escolhas divergentes que resultaram em uma disputa nos caminhos seguidos pelos autores, o que contribuiu para diversificar o significado do conceito. Assim, o autor defende como característica principal do romantismo a bandeira da liberdade por meio de sua idealização e ação individuais, em vez de um liberalismo racionalista que se pauta por uma sociedade da técnica em relação a qual não há espaço para a subjetividade.

Portanto, Santos compreende que a conceituação de romantismo passa por uma confluência de fatores envolvendo linguagens, reapropriações e dinâmicas sociais. Mais especificamente, enquanto uma parcela significativa da escola liberal revolucionária demonstrava interesse pela mecânica da evolução social e pela reforma administrativa, outra parcela era conhecida pela sua paródia da revolução, pelo niilismo e estéticas correlatas. No primeiro caso, a sociedade era uma máquina para a qual havia um destino predeterminado, no

segundo caso, este mundo da técnica era visto como inimigo da libertação humana (SANTOS, 2014).

Neste sentido, Santos (2014) relata que o romantismo passou a manifestar em suas últimas fases o pesadelo de um instinto destruidor e inextirpável, bem como o desejo da morte como forma de se afastar de um sentimento de opressão social. O que pode ser observado no trecho abaixo dos *Cantos de Maldoror*, de autoria de Lautreamont (1846-1870), obra escrita em 1868.

Throughout my life I have seen, without one exception, narrow shouldered men performing innumerable idiotic acts, brutalising their fellows, and corrupting souls by every means. They call the motive for their actions: fame. Seeing these⁴exhibitions I've longed to laugh, with the rest, but that strange imitation -was impossible. Taking a penknife with a sharp edged blade, I slit the flesh at the points joining the lips. For an instant I believed my aim was achieved. I saw in a mirror the mouth ruined at my own will! An error! Besides, the blood gushing freely from the two -wounds prevented my distinguishing whether this really -was the grin of others. But after some moments of comparison I saw quite clearly that my smile did not resemble that of humans: the fact is, I -was not laughing (LAUTREAMONT, 1965, p.5).

Lukács (2015), em sua obra “O romance como epopéia burguesa”, defende que o romance literário é o gênero mais característico da sociedade burguesa. Em sua interpretação reconhece que embora seja observável na literatura do Oriente Antigo, da Antiguidade e da Idade Média publicações que poderiam ser consideradas como romance, o gênero só teria se consolidado quando passou a representar a principal forma de expressão da sociedade burguesa. E vai mais além ao afirmar que o romance é a lente ideal por meio da qual é possível observar as contradições típicas da sociedade burguesa.

De acordo com Lukács (2015), ao contrário do que ocorre com outras manifestações artísticas a exemplo do drama, a literatura burguesa tem a característica de assimilar e reconfigurar de acordo com seus objetivos as formas narrativas da literatura antiga. O que fez com que o romance pudesse ser considerado como uma forma artística inteiramente nova.

Entretanto, reconhece ser insuficiente afirmar que a criação da teoria romântica teria sido o principal objetivo da estética burguesa, pela interpretação de que os primeiros teóricos burgueses manifestavam um grande interesse pelos gêneros literários cujos princípios estéticos

⁴ Ao longo de minha vida vi, sem nenhuma exceção, homens de ombros estreitos realizando inúmeros atos idiotas, brutalizando seus semelhantes e corrompendo as almas por todos os meios. Eles chamam o motivo de suas ações: a fama. Ao ver estas exposições eu ansiava por rir, com o resto, mas aquela estranha imitação – era impossível. Pegando um canivete com uma lâmina afiada, eu cortei a carne nos pontos que unem os lábios. Por um instante, acreditei que meu objetivo tinha sido alcançado. Vi num espelho a boca arruinada à minha própria vontade! Um erro! Além disso, o sangue jorrando livremente das duas – feridas impediu-me de distinguir se isto realmente – era o sorriso de outros. Mas depois de alguns momentos de comparação, vi claramente que meu sorriso não se assemelhava ao dos humanos: o fato é que eu – não estava rindo (LAUTREAMONT, 1965, p.5 tradução nossa).

repousavam na literatura clássica, a exemplo do drama, da epopéia e da sátira (LUKÁCS, 2015). Portanto, o mais correto seria afirmar que o romance foi um desvio dessa rota, ao se distanciar quase que inteiramente da teoria geral da literatura.

Guimarães (2016) descreve o romantismo como movimento artístico que, como resultado de uma confluência de elementos historicistas, místicos, sentimentais e revolucionários oriundos do Pré-Romantismo, se insurgiu contra a revolução e o classicismo, ao se opor a objetividade racionalista e defender como fonte de inspiração o subjetivismo emocional. Tendo por emoção tudo aquilo que não pode ser descrito racionalmente.

Etimologicamente acredita que o termo romântico faz referência ao passado e a uma literatura de língua romana e medieval, portanto, faria referência ao romantismo alemão clássico e sua nostalgia de um paraíso perdido. Entretanto, Guimarães (2016) considera que toda referência ao período medieval é ambígua, pelo fato de a sociedade possuir estruturas sociais distintas, na forma de instituições hierárquicas, cavalaria e ordens religiosas, e por outro lado, a comunidade rural gentílica, que tem como característica ser igualitária e coletivista. O principal ponto a se considerar aqui como elemento de ligação entre o período medieval e o gênero romântico é o fato de as sociedades pré-capitalistas apresentarem traços em comum que as diferencie significativamente do modo de produção e vida capitalista.

Portanto, a Idade Média é glorificada e as épocas pós-medievais são selecionadas para descrever, com nostalgia, a derrota e o desaparecimento de tradições respeitáveis. É a mesma mentalidade que se manifesta na literatura política da época romântica, na atitude antirevolucionária de Joseph de Maistre, de Karl Ludwing Von Haller, de Donoso Cortés, defensores do absolutismo monárquico restabelecido em 1815 (CARPEAUX, 1985 apud GUIMARÃES, 2016, p.68).

Gomes e Vecchi (1992) descrevem que o romanesco tem o propósito de seduzir as imaginações vivazes e alegres, tendo como qualidade satisfazer as almas sensíveis e sedentas de profundidade. Remetendo a cenários idílicos em relação aos quais o homem da técnica ainda não se assenhorou de todas as coisas.

Além disso, consideram os efeitos românticos como se fossem resultado de um som emitido em uma língua primitiva que os homens não reconhecem em sua totalidade, e que em determinadas regiões já se tornou ininteligível por completo. “Quando se deixa de conviver com eles, não demora muito até que ninguém mais os entenda (...)” (GOMES; VECHI, 1992, p.79).

No que diz respeito ao cenário brasileiro, Mary del Priore (2009) afirma que o amor romântico foi introduzido na literatura brasileira em 1844 por meio do romance *A Moreninha*,

de autoria de Joaquim Manuel de Macedo. Em obras como esta é possível observar as diferenças entre namoros antiquados e namoros considerados “modernos”. Como exemplo, descreve que os namoros do personagem Fabrício tinham como característica empadas e beijos roubados, enquanto que a visão de amor do personagem Augusto tinha como característica a prática de se deitar sozinho no leito e se imaginar acompanhado pela imagem da musa, ou então despertar do sono no momento em que se vislumbra em sonho estar em beijos com a amada.

3 JOAQUIM MANUEL DE MACEDO E O ROMANTISMO NO BRASIL

Nascido em 1820, Joaquim Manuel de Macedo pôde acompanhar a formação da intelectualidade brasileira bem como a ideia de nacionalidade dentro do movimento romântico no Brasil, chegando a se tornar referência no rol de autores românticos brasileiros devido a sua obra *A Moreninha*, de 1844 (SOUZA, 2012). O legado de Macedo é formado por romances, peças teatrais, artigos de revistas e obras não ficcionais publicados entre 1844 e 1882 (AMARAL, 2001). Entretanto, suas obras acabaram sendo deixadas de lado, o que Souza (2012) interpreta como sendo resultado de não se encaixar nos padrões do cânone literário de sua época.

De acordo com Cerqueira (2013) Macedo era um escritor que apresentava limitações diante da tarefa que tinha diante de si, mais ainda pôde completá-la com alguma competência, sendo um dos primeiros a aplicar certas convenções literárias no Brasil. Cerqueira considera da seguinte forma:

Talvez tenha sido uma exigência muito grande para um escritor tão limitado quanto Joaquim Manuel de Macedo, mas a tarefa que lhe coube – não tanto como um projeto político e estético deliberado, mas pela má sorte de ser um dos primeiros, e, dentre eles, o mais competente, sem dúvida – não era de pouca monta: fixar por aqui as convenções de um gênero que já gozava de certo prestígio na França. (CERQUEIRA, 2013, p 56,57)

De acordo com Amaral (2001) é possível separar a obra de Macedo em duas fases distintas, uma de caráter romântico (1844-1855) e outra de caráter realista (1867-?). Sendo que foi esta segunda fase da produção do autor que a crítica literária teria deixado de lado, fase caracterizada pela transição para o realismo, a exemplo de *Memórias do Sobrinho do meu Tio* (1868), e pelo naturalismo, como é o caso de *As Vítimas Algozes – Quadros da Escravidão*

(1869), obras representativas de um rompimento com a produção de uma literatura que encontrava bastante aceitação do público que se reconhecia nas obras.

Esta mudança de rumos se explica em parte porque desde muito tempo antes da independência do Brasil, o país vinha buscando desenvolver uma literatura que fosse puramente brasileira, o que implicava romper os laços com a produção que vinha de Portugal e da Europa em geral. Entretanto, isto só se tornou possível com o surgimento da escola romântica, que tinha como características o desejo de criação de uma consciência nacional e de nacionalidade. De acordo com Alfredo Bosi:

Coube a alguns escritores de segunda plana a introdução do Romantismo como programa literário no Brasil.

O nome de Gonçalves de Magalhães ⁽⁷³⁾ é tradicionalmente lembrado pela baliza da publicação dos *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), livro e datas que a história fixou para a introdução do movimento entre nós.

“Romântico arrependido” chamou-o com ironia Alcântara Machado, e a expressão é válida, não só por ter Magalhães na velhice mudado o estilo juvenil, mas intrinsecamente, pela natureza de sua obra que de romântico tem apenas alguns temas, mas não a liberdade expressiva, que é o toque da nova cultura.

A relevância histórica reside no fato de Magalhães não ter operado sozinho como imitador de Lamartine e Manzoni, mas de ter produzido junto a um grupo, visando a uma reforma da literatura brasileira. (BOSI, 2006, p 106,107)

Callipo (2021) considera a obra *A Moreninha* (1844) a obra-prima de Macedo. De acordo com a crítica literária, embora autores como Lucas José de Alvarenga e Justiniano José da Rocha, entre outros, tenham buscado desenvolver composições nacionais, não souberam estabelecer um perfil narrativo bem definido e alcançar algum sucesso perante o público.

De acordo com Amaral (2001), a imagem de Joaquim Manuel de Macedo que entrou para a história foi a de um escritor conformista. Críticos como Astrogildo Pereira e Antonio Candido definiram as primeiras obras do autor como romances da mesa de chá. Uma percepção que teria sido formulada por Joaquim Nabuco a partir de um discurso dado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no qual descreve a obra de Macedo como banal.

Segundo Amaral (2001), o resgate da obra de Joaquim Manuel de Macedo teria começado a ser feito apenas em meados do Século XX por iniciativa de Temístocles Linhares, ao defender que a riqueza da obra de Macedo está em sua crítica aos costumes da sociedade da Corte do Segundo Reinado. E não se pode deixar de notar também, uma evidente preocupação com a formação do caráter do cidadão brasileiro e com a formação de uma nacionalidade, o que explica os tons moralizantes e nacionalistas em sua produção, bem como a temática da escravidão e da educação feminina.

Amaral (2001) acrescenta que Macedo teve a oportunidade de acompanhar de perto praticamente todas as transformações ocorridas no Segundo Reinado, sendo que juntamente com grandes figuras nacionais, a exemplo de Adolfo Varnhagen, Joaquim Norberto de Souza Silva e Gonçalves Magalhães, entre outros, apesar de observarmos em suas obras certa crítica os poderes que regiam a sociedade de sua época, Macedo contribuiu ativamente para a consolidação de uma Monarquia Brasileira, seja por meio da sua atuação nas instituições do império ou por meio do debate de ideias nos periódicos de sua época.

Cerqueira (2018) considera que quando *O Moço Loiro* é lançado em 1845, a retórica conservadora, caracterizada pelo princípio da autoridade sobre a liberdade estaria se consolidando. Tendo em mente que o ano de 1849 é representativo do auge da ideologia saquarema, durante o gabinete do marquês de Monte Alverne, além de que as festividades do 7 de Abril de 1831, uma das datas mais importantes do calendário festivo do Império, já havia perdido seu brilho.

Mas isso não significa que *O moço loiro* possua uma estrutura anacrônica. Ou, por outra, não é essa a razão, porque a conciliação de fundo liberal não entra para o acervo comum do romance brasileiro, de que Macedo, a despeito do lugar que ocupa na historiografia nacional, é seu primeiro e principal artífice. A Revolução Praieira é um bom exemplo de que ainda há resquícios de uma retórica que busca levar a cabo certas demandas incompletas da independência (Cf. Schiavinatto [2008]; Marzon [2009]). O mais importante nesse processo de reorganização conservadora, de que o romance sentimental urbano será a forma simbólica, é a manutenção de certo sentido de progresso, ainda que o faça sob uma égide conservadora (CERQUEIRA, 2018, p. 551).

Na obra *O Moço Loiro*, podem ser observados tanto elementos característicos do protocolo romântico, a exemplo do vilão, do bom rapaz que salva a donzela de situações dramáticas e a moça que se apaixona pelo seu sal então salvador, quanto elementos típicos da vida nacional do período oitocentista. Sendo que Macedo aproveita a oportunidade para tecer críticas à forma pela qual as jovens são educadas para o casamento, se mostrando inteiramente contrário ao casamento por interesse, e aos parasitas que circulavam nos salões da capital do Império. Neste ponto, Callipo (2021) considera que Macedo se aproxima de Balzac, por esta inclusão de elementos cotidianos na narrativa oportunizando críticas.

De acordo com Souza (2012), a nação neste período foi o principal fio condutor das construções e transformações das configurações literárias no Brasil, sendo que Joaquim Manuel de Macedo se destaca por inserir a urbanização repentina e descontrolada como problemática principal dos romances. E reconhece como uma das intenções destes romances, fazer com que o público internalizasse certas ideias a partir das experiências presentes no enredo, bem como

personagens com hábitos sociais verossimilhantes. O que pode ser interpretado como uma necessidade de fazer com que a literatura preencha a lacuna deixada pelo passado colonial.

Mais especificamente, pelo fato de as ex-colônias não possuírem um mito fundador, seria necessária a construção de um passado que desse suporte à nacionalidade, o que implicaria a construção de uma identidade para a nova nação que surgia. O que evidencia a necessidade de se fazer uma distinção do Romantismo publicado na América Latina do Romantismo publicado na Europa, que, segundo Souza (2012), tinha como proposta fazer objeção ao capitalismo enquanto modelo político-econômico. Enquanto que uma situação diametralmente oposta se formou no Brasil.

Neste país o Romantismo esteve ligado a ideia de identidade nacional e, de certa forma, esteve a serviço da construção dessa identidade, era necessário estabelecer a persona própria ao Brasil. Em seus estudos sobre a formação da literatura brasileira Antonio Candido escreve:

O Romantismo brasileiro foi por isso tributário do nacionalismo; embora nem todas as suas manifestações concretas se enquadrassem nele, ele foi o espírito diretor que animava a atividade geral da literatura. Nem é de espantar que assim fossem, pois sem falar da busca das tradições nacionais e o culto da história, o que se chamou em toda a Europa despertar das nacionalidades”, em seguida ao empuxe napoleônico, encontrou expressão no Romantismo. Sobretudo nos países novos e nos que adquiriram ou tentaram adquirir independência, o nacionalismo foi manifestação de vida, exaltação afetiva, tomada e consciência, afirmação do *próprio* contra o *imposto*. Daí a soberania do tema local e sua decisiva importância em tais países, entre os quais nos enquadrados. (CANDIDO, 200, p15)

Tendo esclarecido estes pontos seguiremos com a análise dos personagens onde poderemos ver alguns dos pontos apresentados aqui tomando forma nas ações dos personagens.

4 UMA ANÁLISE DE *O MOÇO LOIRO*

O moço loiro é um dos romances menos conhecidos e apreciados de Macedo, ainda assim merece atenção quando se trata de relacionar representações literárias e suas implicações no imaginário do leitor. A fim de estabelecer como essas relações serão feitas a partir daqui, se faz necessário dizer que o ideal de amor romântico teve várias faces ao longo da história (PRETTO, MAHEIRIE, TONELI, 2009), por um tempo era triste, inalcançável como encontraremos em Raquel, esse ideal de amor também foi cristão sendo sinônimo de sacrifício, devoção, aquele que suporta tudo e que submete a paixão a moral e aos bons costumes.

O ideal de amor que será objeto desse trabalho é, de certa forma, a convergência de todos esses que foram citados. Ele é abnegado, sacrificial, há momentos em que parece impossível e certamente é devoto, também exagerado, carregado de sentimentalismo e idealização. O amor para Freud (1996f) era metade da vida de uma pessoa, ele presumiu que alguém estava com boa saúde mental se estivesse em posição de amar, ou seja, o amor é o motor da vida, na obra em análise ele será o motor da busca por redenção, entre outras coisas.

Dessa forma será feita uma análise de personagens da obra a fim de perscrutar as ideologias que circundam o romance em questão, com a pretensão de entender a construção do ideal de amor romântico contida nele e como esse reflete a sociedade a medida em que é influenciado por ela.

Em *O moço loiro* nos deparamos com um embate entre ideais tradicionais e liberais (CERQUEIRA, 2018) que reflete as tensões presentes nas discussões que enervavam a sociedade naquela época, o que, segundo Lukács (1999) é a problemática central da narrativa do gênero romance. Sobre a obra analisada, é possível dizer que a narrativa é cercada e, muitas vezes, conduzida por esse embate.

Nisto encontramos uma pincelada de realismo na obra, visto que essa questão situa a narrativa no tempo e espaço em que foi escrita, Macedo não só idealiza o amor e as questões que o move, mas expõe os interesses da sociedade brasileira da época (LISBOA, 2019).

Sendo assim, na obra analisada é possível encontrar características, manifestações e representações diversas que apontam para a sociedade da época em que foi escrita, sendo influenciada por ela, bem como um vislumbre, como que a título de exemplo, das discussões e desfechos daquilo que poderia ser um amor ideal de Honorina e Raquel.

Na análise a seguir poderemos observar o ideal de amor presente na obra a partir das divagações de Honorina e Raquel, os desdobramentos desse romance tendo como guia as ações de Lauro e suas implicações para a narrativa, por último veremos como as outras histórias contidas em *O moço loiro* contribuem para o realismo romântico, por assim dizer, e sua representação da sociedade.

4.1 HONORINA E RAQUEL: UM IDEAL DE AMOR ROMÂNTICO

Nas personagens Honorina e Raquel é possível encontrar duas visões distintas do amor romântico, que podem prefigurar um embate amistoso entre o amor idealizado e o amor possível, de acordo com as leis e interesses que regiam a sociedade. As duas amigas tiveram criações diferentes, Honorina foi criada no campo, inocente e cheia de esperança em relação ao

casamento, enquanto Raquel desde cedo teve instruções de seu pai para não acreditar em homens e em suas juras de amor.

Depois de meses sem se ver, as duas jovens se reúnem, e após momentos de muito afeto e um breve silêncio, Raquel decide questionar Honorina sobre sua iniciação na vida da corte, mais precisamente sobre os próximos passos de sua vida amorosa, então encontramos quem Macedo chama de “Honorina, a jovem romântica” (MACEDO, 1845, p.30)

Raquel nos apresenta uma visão de amor que é fria e conformada. A moça acredita que o amor dos homens brota em seus corações diante da beleza somada a riqueza da sua amada, e é conduzido por meio de enganos, mentiras e traições. Olhando para o mundo a partir dos olhos do seu pai, que sempre lhe dizia qual era a verdade por traz dos gestos virtuosos que a cercava, Raquel passou a entender o amor como um jogo de interesses, um mecanismo de ascensão. Para a jovem:

[...] a senhora de grande dote é o amor...o cálculo do futuro; a bela jovem de fracos teres é o amor...o passatempo do presente: vivemos em um século de frias ideias, em uma época de algarismos; tudo é positivo... o comércio tem invadido tudo: negocia-se também com o sentimento. (MACEDO, 1845, p.33)

Dessa forma, as ideias que Raquel carrega sobre amor não são suas, mas nasceram no desejo de proteção do seu pai, que lhe entregou suas próprias verdades sobre o mundo a fim de guiá-la para longe das dores do engano. Ainda assim, a jovem aponta para uma nova posição da mulher no romance, em que está plenamente consciente de que papel ocupa nas relações que movem a sociedade e se mostra disposta a se deixar conduzir conforme sua realidade.

Raquel entendia que o casamento era regido por interesses econômicos e não por amor. O amor fingia-se. Nesse ponto, o discurso da jovem moça expressa os mecanismos que regiam as relações conjugais na sua época, os casamentos serviam para aumentar riquezas, manter patrimônios, evitar uma tragédia financeira, o amor não era a razão pela qual as pessoas se casavam. Tal pensamento refletia a maneira como os casamentos eram conduzidos fora dos romances, em seu estudo sobre a ascensão do romance, quando trata dos arranjos matrimônios, Watt esclarece:

Evidentemente os fatores econômicos sempre foram importantes nos arranjos matrimoniais; porém é provável que o tradicional poder do *paterfamilias* se exercesse dando maior importância ao aspecto material à medida que o velho sistema familiar se tornava sujeito às pressões do individualismo econômico. (WATT,1990, p. 153)

No Brasil, a educação espiritual e ética regulamentavam as relações românticas, no casamento havia repressão de afetos e da paixão. A mulher se casava para cumprir um dever com sua família, para gerar descendentes e riqueza, nesse jogo a figura feminina era um mero objeto, as vezes conquistada nos galanteios e nas danças, como sugere Raquel, as vezes não. (PRIORE, 2006).

A história do casamento encontra-se entrelaçada diretamente com a igreja, visto que, o casamento civil passou a ser obrigatório em 1890, dado que a igreja era a guardiã do casamento, contudo, apresentava algumas curiosidades, ou seja, como a cerimônia do casamento era muito onerosa, havia uniões à moda da terra, considerada hoje as uniões estáveis, conforme citado no patriarcalismo brasileiro:

[...] a singularidade da família patriarcal não se restringia ao trio: pai, mãe e filho, a família, constituía parentes, filhos ilegítimos ou de criação, afilhados, empregados, amigos, parentes, escravos e agregados e laços de dependência e solidariedade uniam seus membros (PRIORE, 2006, p.13).

Não obstante, no entendimento de Fleischer (2004), o casamento é um arranjo que cumpre funções múltiplas: satisfação das necessidades sexuais, regulação das relações sociais e continuação da raça; e para Lacan, em *La família* (1977a), mantém a tese de que as relações de parentesco no seio da família, em toda a sua complexidade, decorrem do casamento, casamento este que não se baseia em laços de sangue, mas em laços significativos. É um ato dependente de uma troca, um ato simbólico que se baseia apenas na palavra.

Embora a narrativa de *O moço loiro* esteja situada em uma época que aponta para uma ruptura desses mecanismos, ou mesmo uma troca de papéis nesse jogo de interesses, Raquel apresenta questões muito importantes, numa espécie de denúncia e crítica a respeito do papel que, forçosamente, ocupa nesse jogo de interesses da sociedade burguesa.

Em oposição a Raquel, Honorina é a representação da musa romântica perfeita, vejamos como sua amiga a descreve:

[...] portanto Honorina, sendo bela como o dia, tu és ainda inocente como a pomba do vale; pura como o favônio da madrugada: sim, graças à tua educação, tu és a própria virtude, não conheces o vício; mas ah! por isso mesmo dificilmente escaparás de suas redes (MACEDO, 1845, p. 32).

A partir dessa descrição podemos imaginar que Honorina é uma moça pura, incapaz de conceber o mal, frágil, bondosa, inocente, bela e veremos logo a frente que em sua idealização

do amor reside uma inclinação para o trágico. Macedo nos entrega uma heroína romântica que obedece aos padrões do gênero quando se trata de sua personalidade.

Embora encontremos aí a imitação das características principais das heroínas no romantismo, a literatura era uma ferramenta de construção da identidade nacional, era necessário produzir uma musa que gerasse reconhecimento no leitor, que em sua maioria eram mulheres. Era preciso imitar a musa europeia, com sua pele pálida e seu corpo frágil, ainda assim, Macedo apresenta um certo afastamento desse modelo a fim de caracterizar o Brasil. (MACEDO, 1845, p. 29).

A primeira aparição da nossa musa é um tanto incomum, ela está cavalgando, com os cabelos ao vento, seus olhos são pretos, e ardentes, seu cabelo é cacheado e preto, sua face é como de um anjo. A musa se entrega ao estilo europeu, mas ainda é brasileira:

O rosto era talvez pálido; mas a agitação lhe acendia o rubor nas faces...meigo sorriso estava desligado em belos lábios cor de nácar... e seus olhos grandes... meigos... ardentes... brilhavam como o sol no mais claro dia: oh!... palavra de honra, minha tia, é o rosto mais bonito que tenho visto! (MACEDO, ano, p.29).

Podemos ver essa valorização dos traços brasileiros, ao lado da imitação do estilo europeu ao longo da obra, isso não acontece apenas nas características físicas dos personagens, mas em seus costumes e hábitos. Diversas vezes Macedo nos apresenta uma sociedade que busca o refinamento ao modo europeu, ao mesmo tempo em que quer afirmar sua identidade brasileira, é como se víssemos um Brasil mergulhado na fusão de seus próprios costumes e tradições com o que estava em alta na Europa. Isso vai além dos aspectos narrativos da obra, um dos motivos pelo qual Macedo produzia romance era para estabelecer no Brasil convenções de gênero que tinham prestígio no meio europeu. (AMARAL, 2001)

Conforme Macedo (s/d), Rosinha é a mocinha, a quem já conhecemos do teatro; com os seus dezesseis para dezessete anos, é ela uma menina dessas moreninhas capazes de fazer andar com a cabeça à roda a mais de meia dúzia de rapazes a um tempo; pouco alta, esbelta, com lindos e vivos olhos pretos, com pequeninas mãos, proporcionados pezinhos.

Ainda a título de exemplo, observamos como Rosinha é caracterizada na obra:

[...] Viu ele um engraçado semblante que atirava o seu tanto para o moreno (tipo, com que, aqui para nós, simpatiza muito certo sujeito do nosso conhecimento), e que, além do mais, era animado por dois olhos vivos... belos... faiscantes... enfim, dois olhos brasileiros; porque, seja dito de passagem, tanto orgulho podem ter as espanholas de seu pequeno pezinho, e delgada cintura, como as brasileiras de seus olhos pretos, que parecem haver passado para suas vistas todo o ardor da zona, em que vivemos.(MACEDO,1845, p.15)

Tendo posto que nossa musa é brasileira romântica em seus traços, sigamos com a análise de seu discurso. Diferente de Raquel, Honorina foi protegida do mundo e do mal (p.31), as verdades a que Raquel fora exposta foram escondidas de Honorina, que só podia ver o bem e o amor. Para a jovem romântica o amor era o mais elevado de todos os sentimentos, sendo ele puro e incorruptível, nem riquezas nem morte, nem dor poderia atingir o amor, Honorina enxerga no amor uma devoção cega e inexorável, cheia de sentimentalismo, exagero, idealização, como é comum ao romantismo. Raquel apresenta a Honorina sua definição de amor, que como vimos é fria e conformada:

Amor, minha cara amiga, é uma vã mentira; amor não é mais que uma das muitas quimeras, com que a fantasia nos entretém na vida, como a boneca, que se dá à criança para conservá-la quieta no berço...O Amor não é mais que a flor de um só dia, que abre de manhã, e antes da noite está murcha...(MACEDO, ano, p.34).

Nessa declaração de Raquel podemos observar uma descrição daquilo que o próprio romance como gênero literário se tornou, visto que o amor (romantismo) começou a tomar a forma de uma solução para os casamentos fracassados diante da crise do patriarcalismo, da emancipação da mulher e do avanço do individualismo. (RÜDIGER, 2012).

Conforme Rüdiger (2012), o casamento continuou existindo, pois, as pessoas preferem falar sobre o relacionamento, criando uma nova forma de lidar com os desejos, dos convênios que tinham que firmar entre homens e mulheres:

O foco tornou-se outro. A preocupação com vínculos emocionais sobrepôs-se àquela com os vínculos de natureza jurídica e sociológica. As codificações matrimoniais perderam apelo diante da efetividade dos vínculos afetivos, da proximidade sentimental, da capacidade de interação e das gratificações implicadas nos relacionamentos. (RÜDIGER, 2012, p. 03).

Em decorrência da emancipação das mulheres, a visão do amor se tornou confluyente, ou seja, um amor ativo, contingente, e por isso acabou entrando em choque com as categorias “amor romântico”, “para sempre” ou “único”. É possível notar que o colapso do patriarcalismo com o esvaziamento dos relacionamentos convencionais deixa o plano emocional e afetivo em primeiro lugar, igualando as relações íntimas, e por isso neste momento a sexualidade ganhou importância, tornando o relacionamento mais abertos e livres, sendo necessariamente sujeitos às negociações. (RÜDIGER, 2012)

Os benefícios recíprocos que o relacionamento tem que produzir do amor confluyente segundo (Rüdiger, 2012, p. 03) seria “basear na crença irracional de que há, para cada um de nós, uma pessoa certa que esgotará nossas carências afetivas”.

Porém, observa-se uma forte oposição a esse movimento no discurso apaixonado de Honorina:

Oh! Pois bem, Raquel, a desgraça de toda a minha vida... O horizonte dela soldado pela indiferença, ou pelo aborrecimento; mas uma só hora de felicidade em chamas, que então cruelmente contaste! ...oh! Sim! ... O amor de um homem, que se misture com minha vida e com meu futuro; que comigo faça um só ente; que como eu me lembrarei só dele! ... Ah! Raquel, um amor de poeta! ... um amor de fogo, ainda que acabe na desgraça e na morte, mas que seja sempre o mesmo amor, deve ser bem belo!...(MACEDO, 1845, p. 35)

A pobre moça romântica soluça de dor pelo amor que idealizava e pelas palavras de sua amiga. Honorina nos entrega um amor obcecado, devoto, para ela importava viver o amor intenso e flamejante mesmo que por um instante, ainda que rumo ao abismo, importava amar e ser amada, a mera possibilidade de não poder experimentar tal loucura a deixava em pedaços.

Seu ideal de amor nasceu de sua imaginação, das poesias e romances que lera, como aponta o narrador, Honorina endeusou em seu coração uma ideia de amor apartado de qualquer mal, de qualquer miséria, seu amor era um híbrido de seus desejos, leituras e suspiros poéticos adorados e desejados irremediavelmente.

Honorina e Raquel apresentam extremos opostos, uma que não crê no amor, mas que se conforma com a realidade que está a sua frente e se dispõe a encará-la com lucidez, enquanto a outra, completamente embriagada em seus devaneios românticos, não suporta a ideia de decepção. É interessante perceber que em *O moço loiro*, Macedo, frequentemente, nos apresenta os ideais opostos que circundam a narrativa, é possível dizer que em todos os núcleos dessa obra vamos encontrar um embate entre ideias opostas.

Novamente, essa apresentação de conflito de ideias ou de ideais opostos aparece visto que representa as intenções que acompanhavam a sociedade de seu tempo, representando suas divisões, ao mesmo tempo que evidencia uma das características da estética romântica, expondo as inquietações de seu povo e desnudando a sociedade à medida que a representa. Além disso apresenta uma das questões centrais do romance que é a oposição de ideias. (WATT, 1999)

Para Watt (1999, p. 29), “as características românticas são o senso de mistério, individualismo, escapismo, ilogismo, retorno ao passado e exagero, reformismo, culto da natureza, fé, sonho”, isto é, o romântico reduz a poesia diretamente ao sentimento, lirismo e a imaginação.

Sendo assim, os ideais de amor apresentados por Honorina e Raquel servem para nos introduzir ao coração das personagens e suas motivações, mas além disso, espelham os conflitos

de ideal que permeavam a sociedade da época, oposições que se manifestavam não só em suas ideias, mas também em seus costumes e comportamentos.

4.2 LAURO E DINAMIZAÇÃO DO TEMPO

Em Lauro, o moço loiro, encontramos algumas características que dão forma a identidade do herói romântico, de acordo com Candido (2000, p56) “No século XVIII o herói literário por excelência é o homem natural, que aparece de vários modos e em varias circunstancias, mas sempre dotado de algumas das características do seu padrão ideal.” Dessa forma, nosso herói está dotado de sentimentalismo, discurso humanitário e idealização da mulher. Não obstante, Lauro apresenta peculiaridades e comportamentos inusitados, sua estratégia de conquista é um tanto estranha, ainda assim, não por acaso, esse personagem aponta para a sociedade brasileira da época (CERQUEIRA, 2019).

Conforme aponta Cerqueira (2019), a primeira aparição de Lauro acontece durante a conversa entre Honorina e Raquel, quando as amigas discutem sobre amor e a natureza dos relacionamentos. Diferentemente de outros personagens, nota-se que não há descrições sobre a aparência física de Lauro ou mesmo sobre seus pensamentos e intenções, nesse episódio em específico.

A presença desse personagem é marcada por um bilhete. (MACEDO, 1845, p 36-37).

Faz-se necessário olhar com maior atenção para o conteúdo do bilhete:

Honorina! eu ouvi os seus pensamentos da noite passada; e portanto eu te amo! eu te amo com esse amor de poeta, com esse amor de fogo, que ainda quando acaba na desgraça e na morte, contanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem belo! Sim: eu te amo! e tu verás em toda parte, seguindo - te, beijando as pisadas de teus pés, obrigando-te a amar-me ainda contra a tua vontade, e não me deixando conhecer senão na hora, em que tiveres de ser minha para sempre...oh! moça cheia de imaginação e de sensibilidade... querias um amor de poeta?... uma paixão de louco?...em mim tens. (MACEDO, 1845, p. 36-37)

Aqui Lauro apresenta a força de seu recente amor por Honorina e sua determinação por conquistá-la. Sua paixão nasce ao ouvir a jovem moça defender seu ideal de amor diante do ceticismo de sua amiga. Lauro se apropria das palavras dela como se ali encontrasse seu próprio sentimento, além da motivação que precisava para buscar sua redenção.

Ao longo da história constata-se que Lauro levou a sério todas as promessas que fez em seu bilhete. Não é possível determinar quais eram as intenções do moço loiro ao espionar

Honorina e Raquel naquela noite, ainda assim, o jovem saiu de seu esconderijo no jardim tendo o amor como motivo central de sua tentativa de recuperar sua dignidade perante a família.

Honorina será, a partir de então, uma peça importante no plano de redenção de Lauro, que parecerá nada planejado, desengonçado, atrapalhado, guiado apenas pelos sentimentos do seu coração, pelo seu amor por Honorina. Não obstante, em *O moço loiro* é possível encontrar o amor como solução de conflitos, o remédio para o irremediável, de modo que não é por acaso que o amor de Lauro por Honorina brota no mesmo momento em que ele havia decidido se redimir.

Depois desses acontecimentos, o moço loiro envia uma carta a sua família a fim de garantir-lhes que não se apresentaria diante deles até que pudesse provar sua inocência, e que procederia dessa forma por obediência a seus “maiores” e a sua mãe. Com sua aparição Lauro estabelece um cenário de conflitos na narrativa, dando forma a um embate entre os tempos antigos e os tempos modernos, os ideais tradicionais e os liberais, como já mencionado anteriormente como problemática específica da narrativa romântica. (LUKÁCS,1999)

A fim de cumprir a promessa que fez a Honorina de segui-la por toda parte sem que ela pudesse conhecê-lo, Lauro usa disfarces para aproximar-se da jovem, primeiro como cabeleireiro, em seguida como o moço loiro. Apenas quando aparece no sarau de Tomásia, Lauro é descrito como um moço loiro, dessa vez ele aparece de forma distinta, os atos que acompanham seu disfarce sempre são estranhos, misteriosos como o roubo de uma mecha de cabelo, um salvamento, um bilhete misterioso.

Contudo, no sarau Lauro parece não ter disfarces, é como se pretendesse expor seu coração e sua alma para sua amada, o seu desejo é tocá-la profundamente, apresenta-se como um moço elegante, gracioso e loiro, que confessa para Honorina e Raquel a dor de amar e sequer ser conhecido por aquela a quem ama, buscando os conselhos das moças sobre como deve proceder.

O título da obra soa como um resgate desse momento em que Lauro se apresenta como um jovem que está tomado de amor, sua paixão é tão avassaladora e sua dor tão profunda que não podia guiar a si mesmo e se vê levado pela dor e melancolia ao jardim onde acontecia o sarau de Tomásia. O moço loiro daquele jardim é totalmente controlado pelo amor que sente, ele é devoto a sua amada e isso é o que guia os passos que dá, é ele que leva o título do livro.

Lauro é um homem livre das obrigações tradicionais e sociais, visto que está apartado do seio da família, desfruta de sua liberdade individual. Quando longe de sua família, excluído, excomungado como um ladrão, construiu sua riqueza, casou-se, foi feliz. Então, na sua viuvez

lembrou da necessidade de redenção, das palavras de sua mãe. Lauro se volta para as questões da família, da tradição, mas o faz exercendo sua liberdade.

Dessa forma, é possível conceber que temos em Lauro duas faces; o moço loiro embriagado de amor e Lauro, um personagem cuja presença suscita um conflito familiar que ilustrava as tensões que circundavam a sociedade brasileira da época. Desde a sua infância Lauro é visto pela matriarca da família, sua avó Ema, como uma ameaça aos bons costumes, como um ultraje ao que era certo, ao virtuoso e sagrado:

E o filho de Raul, teu primo Lauro, Honorina, desprezando os conselhos de todos nós, a despeito dos castigos que seu pai lhe fazia sofrer, cedendo a seu gênio inquieto e desastrado, crescia correndo pela estrada da perdição. Vivo e sagaz, travesso e imprudente como nenhum outro, sempre cheio de resolução e audácia, possuindo talento e habilidade em alto grau, poder – se-ia fazer dele um grande homem, se o tempo em que vivemos não bastasse para pervertê-lo: tentamos aproveitá-lo, e o fizemos estudar; compreendia suas lições com facilidade espantosa, progredia rapidamente; mas ao mesmo tempo opunha-se com repreensível obstinação às ideias de seus mestres, quando não lhe agradavam: ria-se diante deles, se os ouvia dizer o que ele chamava um absurdo; abandonava as aulas para passar horas inteiras nas galerias da Câmara dos deputados; devorava os discursos mais veementes, e arremedava os oradores mais fortes; enfim, mesmo em minha presença, atrevia-se a combater e a zombar de minhas nobres crenças, a que ele ousava dar o nome de – prejuízos dos séculos de escravidão e ignorância! (MACEDO, 1845, p 52)

O embate entre Lauro e Ema pode ser visto como o conflito entre o velho e o novo, o tradicional e o moderno (CERQUEIRA, 2019). Nota-se que a matriarca é movida por um forte desprezo pelas convicções que Lauro apresentava desde moço e pelo perigo que via nelas. Ela queria conservar todo bem que seus costumes pareciam oferecer à família, temia a modernidade dos novos costumes e se sentia ultrajada por eles.

Dessa forma, a personagem representa uma parcela da sociedade brasileira que sentia sua segurança e poder ameaçados pelo crescimento do liberalismo. Seu discurso é quase rancoroso quando descreve a sociedade que se descortinava a sua frente:

Tudo mudou. Os meninos deixaram de aprender a rezar para ler periódicos, e discutir presumidos diretos do homem: os operários abandonaram suas fábricas para cuidar em eleições; a plebe imunda e perigosa agitou-se radiosa e triunfante em todas as nações. (MACEDO, 1845, p. 51)

Lauro faz oposição a Ema, não só em seu discurso, mas na maneira como desfruta da sua liberdade até mesmo em seu plano de redenção. Lauro não é um herói convencional (MACEDO, s/d), o moço loiro sim, mas Lauro se disfarça, faz ameaças, propostas, age misteriosamente, não está apegado a nada além de si mesmo e embora se dobre a algumas

convenções da narrativa, ainda navega com toda liberdade, exercendo, de alguma forma, o protagonismo na história de amor que em outra obra seria apenas de Honorina.

Lauro descobre ainda que Félix, filho adotivo dos Mendonça, é o verdadeiro ladrão, e, disfarçado de velho, convence-o a revelar a verdade e a desmascarar Otávio, que forçava o pai de Honorina a permitir seu casamento com ele, ameaçando-o com uns títulos falsos. (MACEDO, s/d),

Nosso herói apresenta não só a liberdade de pensamento como também a liberdade de amar, e vai buscar seu amor de forma obstinada, quase obsessiva, desfrutando sempre de sua liberdade individual para fazê-lo, e oferecendo essa mesma liberdade a sua amada, a saber, quando coloca sua herança aos pés de Honorina.

Partindo dessas considerações é possível vislumbrar que as atitudes de Lauro, mesmo as mais românticas, representam a modernidade, podendo ser um personagem que, além de incorporar a identidade do herói romântico, incorpora os ideais de uma parcela da sociedade brasileira de meados do século XIX.

O personagem Lauro e todas as suas particularidades carrega uma característica muito importante do romance, a atenção aos personagens como indivíduo, deixando de ser uma reprodução de um tipo, um lugar comum, e se tornando um indivíduo particular através da contextualização da sua história e gerando valor a suas ações através da "dimensão do tempo". (WATT, 1990).

Sendo assim, suas ações no presente nascem de suas vivências passadas (Watt, 1990, p. 205), onde expressa que “Um mês depois da entrada de Lauro na casa de seus parentes, uma grande festa ia ser dada: Lauro e Honorina celebravam o seu casamento”.

Toda a estratégia de Lauro para reunir-se com sua família e lhe oferecer a verdade sobre o roubo da Cruz só é possível a partir das experiências que viveu em seu tempo apartado da família, quando aprendeu a negociar, pensar, amar e mesmo sua motivação é fruto do eco de palavras passadas sussurradas por sua mãe.

Dessa forma, grande parte das ações de Lauro, desde de sua volta ao Rio de Janeiro até seu amor por Honorina podem ser vistas como ações responsivas, pensadas a partir do passado, é a partir do que já foi que Lauro decide o que pretende ser. Certamente, há de se questionar tais ações e o zelo com que foram construídas.

Em *O moço loiro* muitas vezes nos deparamos com eventos que beiram o fantástico, como as aparições repentinas de Lauro, ele está sempre no lugar certo na hora certa, como se pudesse prever os passos, pensamentos e desejos de Honorina e sua família, ou mesmo a vida

ao seu redor e a natureza, como quando o vento impede que Honorina lance a sempre-viva pela janela, levando para longe a sua opção de não corresponder ao amor que ele demonstrava.

Ainda que mirabolantes e aparentemente desordenados, esses eventos enriquecem a narrativa e são essenciais ao romance:

Mas essa tipicidade significa, precisamente, o que vemos em Balzac: um distanciamento da realidade cotidiana "média" é artisticamente necessário para obter situações e ações épicas, para encarnar concretamente em /destinos humanos/as/contradições fundamentais/da sociedade e evitar que estas apareçam apenas como um comentário sobre tais destinos (LUKÁCS, 199, p 208).

Dessa forma, as ações de Lauro ajudam a determinar o tom da narrativa quando esta toma um rumo mais romântico ou quando ensaia os embates políticos da época, trazendo uma representação de questões sociais por meio dos personagens. O conflito e as contradições têm tanta força e presença aqui quanto tinham na sociedade burguesa, cuja sociedade tinha o sistema que se alimentava de outras classes sociais, isto é, como uma pirâmide, além da formação social que criava, ocupando o papel feudalismo.

O primeiro capítulo do romance pode ser considerado uma evidência da importância que o conflito e a empatia teriam ao longo da narrativa, visto que se inicia com uma acalorada discussão entre Delmastristas e Candianistas⁵, como um prelúdio do embate entre os ideais de Lauro e Ema.

No episódio citado acima Macedo nos apresenta um bando de homens numa discussão fervorosa sobre quem é a melhor cantora do teatro, um embate acirrado, com ameaças e convite para duelos. Em meio a tudo isso a fala de António se destaca quando defende que é preciso escolher um lado mesmo quando não se conhece o assunto debatido "É preciso! é justo! é inevitável! Deves pertencer à esquerda, ou à direita do teatro [...]"(MACEDO, 1845, p. 12)

Diante disso, é possível compreender a importância de Lauro para construção das dimensões de tempo e espaço da narrativa. A personagem, ao mesmo tempo que conduz a narrativa a partir da sua história e sua estratégia de redenção, é conduzida por ela, as aparições de Lauro são poucas, ainda assim marcantes e cruciais para estabelecer o ritmo da narrativa, bem como trazer à tona questões sociais importantes daquele momento histórico.

⁵ Tratava-se de saber, antes de mais nada, se era partidário, ou da Candiani, ou da Delmastro, as duas grandes prima-donas que então apaixonavam os aficionados.

4.3 OUTRAS MANIFESTAÇÕES DE AMOR

Tendo analisado a condição dos personagens Lauro e Honorina e como estes se posicionam na vida pelo amor ideal, sendo esse amor o condutor de suas ações e um dos objetivos de análise desse trabalho, faz-se necessário compreender os acontecimentos que cercavam esse laço, com o objetivo de compreender a sociedade representada na obra e como ela abriga o amor para além das vivências dos protagonistas.

Considerando que o romance se debruça de forma mais atenta às inquietações do indivíduo, olhando para cada um deles com atenção aos detalhes, situando-os no tempo e no espaço, deixando para trás o lugar comum e conferindo uma identidade particular ao sujeito, podemos deduzir que todas, ou quase todas, as expressões e manifestações dos personagens, mesmo daqueles que não protagonizam a história, têm um papel importante na representação daquilo que a obra espelha, ou no seu tema central, ainda que de forma discreta e limitada ao núcleo secundário da narrativa.

Dessa forma, podemos entender que cada personagem fala de sua posição social e das perspectivas que lhe são impostas a partir do lugar que ocupa. Sendo assim, é necessário olhar com atenção para cada manifestação de amor que encontramos em *O moço loiro*. Obviamente nos interessa compreender a idealização do amor romântico, mas essa não é possível sem que haja aquilo que não é desejável. São os outros amores, manipuladores, obsessivos e amargos que tornam o amor de Lauro e Honorina tão desejável.

Precisamos atentar para o indesejável a fim de compreender os mecanismos que regulamentavam a sociedade da época visto que o ideal é ficcional, mantém-se no campo dos sonhos, no entanto o indesejável flerta com o real, ou seja, dialoga com as formas de amar vigentes, conferindo à obra certa medida de verossimilhança e presenteando o leitor com a sensação de reconhecimento. Para Watt (1990) o objetivo do romancista é elaborar um relato autêntico das verdadeiras experiências individuais.

Por conseguinte, podemos no encontrar com múltiplas manifestações de amor na obra, elas apresentam como esse sentimento se configura nas relações que se desenvolvem fora das páginas de um romance, de acordo com Watt:

[...] no entanto é muito significativo que, no primeiro esforço sistemático para definir os objetivos e métodos do novo gênero, os realistas franceses tivessem atentado para uma questão que o romance coloca de modo mais agudo que qualquer outra forma literária – o problema da correspondência entre a obra literária e a realidade que ela imita. (WATT, 1990, p. 13).

Dessa forma, em *O moço loiro* vamos nos deparar com a representação do amor idealizado, mas também com a representação de outras formas de amor que não sejam necessariamente belas ou desejáveis, mas que se assemelhem a maneira como esse sentimento se apresenta na sociedade, servindo aos seus interesses, fazendo com que a obra seja mais que uma exposição daquilo que se deseja e se torne, também, uma espécie de registro daquilo que foi visto e vivido em determinado tempo.

Tomemos por exemplo o casal Tomásia e Venâncio. A dinâmica do casal nos é apresentada em um capítulo intitulado “Agastamentos conjugais”, assim Macedo nos antecipa a situação de forte aborrecimento, estresse, provocação e ira que viria a seguir. Somos apresentados então a Venâncio que é o retrato do homem vencido, entregue, conformado. Ele é o vassalo de Tomásia, senão seu escravo. Sua relação é de total submissão e subserviência, todo tempo é atropelado pelos desejos e vaidades de sua esposa, sem nunca poder dizer não. Deixemos que o que o narrador nos informe:

Venâncio é um empregado, sem exercício, não nos lembra de que espécie; na vida que vive, vê-se obrigado a ser somente isso; pois que em tudo mais é sombra de sua mulher. Aos vinte e oito anos casou-se, porque seu pai lhe disse que era preciso fazê-lo, com uma senhora, que se acompanhava de alguns mil cruzados de dote [...] (MACEDO, 1845, p. 18)

A posição de Venâncio na relação é de servo, aquele que provê a satisfação de sua esposa sem nunca questionar, do contrário sofre sérias consequências, sendo uma delas a agressão física. Esse personagem ocupa um lugar na relação que geralmente era reservado à mulher. Os homens se casavam por interesse, e percebe-se que Venâncio se casou por conveniência, o casamento era uma transação que favorecia aos homens como favoreceu a ele com "alguns mil cruzados". Geralmente, além do dinheiro os homens ganhavam uma serva que lhe daria filhos e cuidaria de suas necessidades sem nunca opinar ou se opor. (MACEDO, s/d)

Obviamente, a relação entre Venâncio e Tomásia é um tanto diferente, Tomásia é apresentada como uma mulher vaidosa e mimada, de modo que seus maus tratos e caprichos não têm origem na pura maldade, mas no seu profundo egoísmo, e não existe, necessariamente, uma estrutura social que espere que Venâncio permaneça nessa situação. Na verdade, ele é encorajado a se impor e assumir seu lugar masculino na relação, não obstante, não tem mais forças diante daquilo que a rebeldia pode lhe custar.

Macedo (s/d, p. 21) relata que Venâncio teve sua vez de ser valentão, “determinou aproveitar-se dela; ele! A bigorna de vinte e dois anos passar milagrosamente a ser martelo!...

semelhante ideia desenhou-se brilhantemente aos olhos do velho, que bem depressa cerrou as sobrancelhas, fez-se carrancudo e dispôs-se a representar o papel de mau”.

Tomásia é movida pelo amor a si mesma e o desejo desenfreado de se manter nos padrões do que se é desejável. Ela nos é apresentada como a mulher que não tem consciência da sua idade e da sua posição em meio às jovens ao seu redor, quando nos deparamos com sua descrição, é como se ela estivesse sendo apresentada como uma personagem que é alheia ao seu comportamento inadequado e ridículo, tentando competir com a beleza e vicissitude de sua filha:

[...] Junto dela ostentava seu brilho, esplendor e não sabemos que mais, uma senhora que, pelo que mostrava, e não pelo que dizia, devia andar roçando pelos seus cinquenta anos, e que, apesar de tal, endireitava-se na cadeira, e tais ademães fazia, como poucas meninas, que querem casar, os fazem: vestia um vestido de seda verde, cruelmente degolado: tinha na cabeça uma touca de cassa da Índia, ornada com laços de fitas azuis, etc; segurava com a mão direita em um ramo de belos cravos, e conservava a esquerda esquecida sobre o elegante óculo, desposto no parapeito do camarote (MACEDO, 1845, p. 16).

A relação entre Tomásia e Venâncio é regida por interesses, interessa a Tomásia satisfazer seu desejo de estar em alta, interessa a Venâncio comprar um segundo de paz com sua esposa. Ambos estão infelizes, porém confortáveis, amparados pela conveniência do laço conjugal, afinal estar casado posicionava o indivíduo em um nível mais elevado na sociedade, principalmente se esse indivíduo fosse uma mulher, casar bem ou aparentar estar bem-casada era visto como uma grande conquista.

Sendo assim, Venâncio e Tomásia representam a situação do casamento naquela época, ou ainda do que se imaginava que fosse. Aqui é como se algo do que Raquel anunciou se consolidasse. O amor e o romance conservam-se na conquista para então se converter em jogo de interesses e agastamentos conjugais. Pode-se dizer que o amor é uma escolha com a melhor das intenções. A liberdade de escolha é um grande estímulo para a construção de casais mais afins, contudo, é preciso destacar que os casais estão mudando rapidamente.

Não obstante, o posicionamento de Raquel sobre uma reviravolta quando presencia o romance entre Honorina e Lauro. A jovem inicia o romance com uma visão fria e crítica sobre o amor, os relacionamentos, entende o matrimônio e o amor quase como um negócio, o classificou como uma mentira, objeto de barganha, ferramenta usada para enganar, tirar vantagem, ilusão (MACEDO, 1845, p. 31-34). No entanto sua percepção muda.

Raquel deixa de ser a jovem que casaria com consciência da natureza de tal transação, aquela que não se deixaria enganar, mas jogaria o jogo com maestria a fim de não ser apenas

mais uma peça sendo manipulada no jogo, até que se vê redimida, reconciliada e o ponto de virada na sua perspectiva é Lauro, o moço loiro e seu amor, devoção e lealdade.

Então nos deparamos com a possível ideia de que o que faltava para Raquel ser arrebatada pelo amor era um refencial; Lauro é herói romântico, ele é a personificação do amor ideal masculino, Raquel não pode encontrar nele nenhum ponto de desconfiança, seu amor não é movido por interesses, suas ações heroicas não estão visando um ganho pessoal, ele apenas ama de forma pura e desenfreada. Lauro é o desejo de Honorina personificado, aquele desejo que Raquel questionou. Por isso, Raquel pode amar Lauro e o ama, ele quebra todas as suas expectativas e a constrange com seu amor verdadeiro. Em face do homem ideal, que oferece o amor idealizado, o ceticismo não resiste:

A bela jovem nunca amara antes de ver o Moço Loiro, até então tinha sua alma livre dessas impressões ardentes, como um vaso virgem e delicado, onde jamais se lançara nenhum líquido: o primeiro, que aí se depositasse, devia por força entranhar-se nos poros dele, e deixar para sempre arraigado seu perfume. O Moço Loiro apareceu... sua imagem preencheu um vácuo, que havia no coração de Raquel, sem que ela o pressentisse... tomou parte na sua vida... ficou senhor de seus pensamentos... ganhou enfim o amor de Raquel... o primeiro amor...o único verdadeiro e eterno. (MACEDO, 1845, p. 199).

Para Raquel esse amor se torna uma dolorosa sentença, visto que ama o mesmo homem que sua amiga, a jovem sofre penosamente, por muitos dias se mantém reclusa, apartada de todos, até mesmo de seu pai, a pessoa em quem confiava para trazer luz às circunstâncias da vida. Em meio ao seu sofrimento decide que não deve lutar pelo amor de Lauro, ou tentar comprá-lo não poderia tirá-lo de Honorina. Com isso Raquel decide que seu destino será sofrer por seu amor impossível e velar pela felicidade de sua amiga. Ela abre mão de seu direito ao amor porque ama profundamente a sua amiga, e porque a partir da chegada de Lauro passa a compreender os devaneios de sua amiga e não pode fazer outra coisa senão viver a altura deles.

Raquel passa uma forte transição, antes carregava a verdade absoluta sobre o amor e os relacionamentos amorosos, uma verdade fria, dura e irremediável, e então, depois de conhecer Lauro, passa a representar o amor abnegado. Raquel esquece de si mesma por amor, resigna-se a uma vida de sofrimento, rejeita a sugestão de seu pai de encontrar um amor ainda mais feliz do que aquele que tem experimentado, pondo de lado a possibilidade de um dia casar-se e ser feliz com alguém que ama porque ama muito a Lauro e Honorina e sua resposta não poderia ser outra senão viver a dor desse amor. Pode-se dizer que, de uma perspectiva romântica, Raquel expressa o amor mais puro e sublime.

Em contrapartida, temos Otávio, seu amor é ambicioso, obsessivo e inescrupuloso. A fim de conquistar sua amada ele resolve atacar os negócios de sua família, fazê-los acreditar que estão falidos por causa de dívidas e então se oferecer como a solução, o salvador e em troca exigiria a mão de Honorina. O plano de Otávio é sórdido, diferente de Lauro, suas ações visam os seus próprios interesses e ele está disposto a fazer o que for possível para conseguir o que quer, a saber, unir-se com Honorina no matrimônio.

Otávio trata sua obsessão por Honorina e seu desejo de desposá-la como uma questão de negócios, é fato que essa era a porta que estava aberta para ele, usar seu acesso às finanças da família para transformar o casamento com o Honorina numa solução imediata para um problema financeiro. A partir daí é possível vislumbrar como aconteciam as negociações de casamento da época e o que poderia motivá-las; resolver problemas financeiros, manter a riqueza da família ou até mesmo aumentá-la. O que acontece no caso de Otávio é que ele justifica tais ações com o amor "Que um homem que ama, como eu amo, não conhece barreiras, não respeita nada...não se pode lembrar nem dos outros nem de si!.." (MACEDO, 1845, p. 154)

Otávio expressa seu amor por Honorina sempre de forma muito intensa, ele se comporta como escravo do amor que sente e de sua amada, incapaz de distinguir o correto do incorreto, o moral do imoral, talvez esse seja um dos pontos que separa Otávio de Lauro, ambos amam loucamente e, se estão numa busca desenfreada pela realização desse amor, ambos seriam capaz de morrer por Honorina, mas há algo de doentio no que Otávio está disposto a fazer e na maneira como ele vive esse amor:

Tu sabes, Félix, o que é amar loucamente uma mulher?... compreendes o que é passar dias inteiros pensando nela, todas as noites velando por ela, todas as horas por ela suspirando?... eu mesmo não concebo o que é isso, que tem em si uma mulher para fazer-me delirar, e esquecer meus negócios, meus prazeres, meu dever, e até minha honra!... mas eu sei que a amo, como um louco, como um homem perdido!.. eu sinto que esse amor traz em si alguma coisa de tão abominável e infernal que, por essa mulher, se eu fosse rei, me faria abandonar o trono, se eu fosse pai, amaldiçoar meu filho, se eu fosse sacerdote, renegar do meu Deus! Oh! Félix, Félix!... um amor, como este, é horrível e capaz de tudo! uma mulher, como essa, pode fazer de um homem virtuoso um ladrão ou um sicário! sim: se Honorina dissesse - mata!- eu crio que iria matar; se ela me gritasse - rouba! - eu penso que iria roubar; ainda que estivesse certo que um dia depois seria condenado a morte; mas contanto que acima do patíbulo ganhasse um sorriso de gratidão de seus lábios!...oh"... pois essa mulher há de ser minha!...eu a quereria a preço do meu sangue! eu a quero! eu a quero!...(MACEDO, 1845, p. 152-153).

Certamente podemos imaginar que alguns dos sentimentos descritos por Otávio se assemelham com aquilo que Lauro sente, afinal Lauro também parecia não viver para outra coisa se não conquistar Honorina, ele também declarou que obrigaria Honorina a amá-lo mesmo

que contra a vontade dela (MACEDO, 1845, p. 37). No entanto, Lauro usou de estratégias mais sutis e menos inescrupulosas, focando em conquistar o amor de Honorina através do mistério do que em comprá-la como fez Otávio. Ainda assim, ambos os personagens estão numa corrida muito semelhante e com uma motivação muito parecida, ambos desejam o amor de Honorina, mas seguem caminhos diferentes para conquistá-lo, e em seu caminho Otávio abriu mão da sua própria honra, enquanto Lauro usou-a a seu favor.

Com tudo isso, podemos dizer que a multiplicidade de representações do amor que encontramos na obra reflete as diversas formas de amar que encontramos fora do mundo ficcional. Dessa forma temos a oportunidade de nos encontrar com a representação do amor romântico ideal, heróico, altruísta, sensível, abnegado, excessivamente sentimental, leal até a morte, mas também nos encontramos com o amor ciumento, interesseiro, obsessivo, o dominador que subjuga, o que se nula. Todas essas representações são importantes e fortalecem a narrativa. De acordo com a literatura do gênero romance "[...] procura retratar todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada e sim na maneira como apresenta" (WATT, 1990, p. 13).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise e os conceitos apresentados nesse trabalho, bem como todas as leituras e reflexões feitas ao longo de seu desenvolvimento, é possível dizer que uma das principais características do romantismo é o seu diálogo com a sociedade, seus costumes e ideais, esse diálogo acontece nas obras românticas a partir da representação das experiências humanas através das ações dos personagens. Além de representar a sociedade, o gênero romance também a influencia, visto que a literatura teve um papel importante na construção de identidade da sociedade brasileira e do imaginário do leitor.

As transformações que aconteceram na sociedade, impactaram profundamente a maneira como as relações passaram a se desenvolver na ficção, não obstante as fantasias e ideais apresentados pela ficção trouxeram uma nova perspectiva para o mundo real, alargando os ideais de liberdade e floreado aquilo que se poderia experimentar no amor, de modo que foi possível conceber que a mudança das motivações nas transações matrimoniais se devem, em parte, às representações de amor da literatura romântica (RÜDIJER, 2012), sendo a literatura

influenciada pelas transformações sociais na mesma medida em que influencia tais transformações.

Em *O moço loiro* podemos ver algumas das características do romantismo tomarem forma, além disso podemos observar como essa obra dialoga com a sociedade em que estava inserida. Nela nos deparamos com a trajetória do herói romântico formada por redenção do passado, busca e conquista do amor de forma nobre e sacrificial. Lauro se posiciona no centro da narrativa, a partir de sua aparição o tempo e o espaço da obra se desdobram para servir aos seus planos, não é Honorina, a mocinha, o centro da narrativa, antes ela caminha lado a lado com Lauro, ao mesmo tempo que se dispõe sobre os personagens.

Vemos reunidas aí uma variedade de características do gênero romance; o protagonismo por meio das virtudes do indivíduo e não por sua posição social, a multiplicidade de manifestações de amor que vem contemplar o objetivo do autor romântico: apresentar um relato verossímil das experiências humanas individuais, a obra se apresenta como campo de conflito entre o pensamento antigo e os novos ideais que surgem no país, fazendo jus à característica central do romantismo que é a oposição entre tempos antigos e tempos modernos. Além disso, encontramos na obra o amor como a solução dos males, de modo que essa resolução resulte na ascensão da moça (Honorina) e na resolução de seus problemas, o que aponta para uma mudança das relações de gênero e a emancipação da mulher, em certo aspecto, de modo que os personagens representem questões sociais indo além de estereótipos, se estabelece na obra, de certa maneira o casamento para alcançar a ascensão social e econômica da mulher (Honorina).

Além disso, podemos vislumbrar o amor romântico sendo usado para fortalecer os laços familiares, visto que esse amor é a ferramenta de redenção de Lauro diante de sua família. Com tudo isso, em *O moço loiro* ainda podemos encontrar um certo tom de ironia e desdém que se apresenta sutilmente através do narrador ou dos questionamentos internos dos personagens Raquel e Venâncio, além das observações de Ema que soam absurdas diante das inovações modernas que se desenvolvem nas mentes frescas e liberais que se apresentavam naquela época, tais discursos podem soar como uma denúncia sutil dos pensamentos tradicionais que regiam a sociedade da época.

Ainda é possível refletir sobre um possível elemento fantástico na obra que se manifesta nas aparições e sumiços de Lauro, em seus disfarces e até mesmo no vento que obriga Honorina a dizer sim para o seu amor, podemos considerar que o autor se valeu do realismo fantástico que pode vir a ser uma característica do romantismo, aproveitando-se do aspecto amorfo desde gênero literário.

Sendo assim, podemos dizer que o gênero romance representa uma ruptura, que acontece não somente no campo literário mas que representa as transformações da sociedade da época. Decerto *O moço loiro* não só representa ruptura como também apresenta elementos que configuram tais rupturas em sua narrativa, sendo uma obra literária que não só reflete a sociedade de sua época, mas que traz elementos que podem influenciá-la, ela não só constrói um ideal de amor, ela se deixa interpelar pelas aspirações já manifestas em sua sociedade no desenvolvimento dessa construção.

Referências

- AMARAL, Sharyse Piroupo . **Uma nação por fazer: escravos, mulheres e educação nos romances de Joaquim Manuel de Macedo**. Campinas, . 151 p Dissertação - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, São Paulo, 2006
- CALLIPO, Daniela Mantarro. **Romantismo sob medida: A presença de Victor Hugo em O moço loito (1845) de Joaquim Manuel de Macedo**. Revista Eletrônica Falas Breves, v. 8, n. 9, 2021, p. 89-102,.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000
- CERQUEIRA, Rodrigo Soares. **Educação pela máscara: literatura e ideologia burguesa no Brasil (1844 -1856)**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2013.
- CERQUEIRA, Rodrigo Soares. **Um caso raro: O moço loiro e a formação do acervo comum do romance brasileiro**. Tempo Niterói. vol. 25,n. 3. São Paulo, 2018.
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. Cidade ? Editora Contexto, 2009.
- FREUD, S. . **Além do princípio do prazer**. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- FLEISCHER, Deborah. **Transformações no matrimônio**. 2020. Disponível em: <http://www.revistavirtualia.com/articulos/523/dossier-nuevas-ficcionesfamiliares/transformaciones-en-el-matrimonio> Acesso em: 08 dez. 2021.
- GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. **A estética romântica: textos doutrinários comentados**. São Paulo: Atlas, 1992.
- GUIMARÃES, A. R. G. D. P. **As principais características e atitudes do movimento romântico**. *Letras & Ideias, [S. l.]*, v. 1, n. 1, 2016, p. 66–85

DE LAUTREAMONT, Conte. **Maldoror:(Les Chants de Maldoror)**. Cidade ?. New Directions Publishing, 1965.

LACAN, J. . **O seminário, livro 7. A ética da psicanálise (1959-1960)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LUKÁCS, G. **Ensaio Ad hominem/ Estudos e edições Ad hominem**: O romance como epopeia burguesa. Cidade: Editora, 1999.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Cidade ?: Boitempo Editorial, 2015.

MACEDO, Joaquim M. **O moço loiro**. Cidade ?. Editora Ática, ano?

PRETTO, Zuleica, MAHEIRIE, Kátia, TONELI, Maria. **Um olhar sobre o amor no Ocidente**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n.2, abri./jun. 2009, p 395-403

RÜDIGER, Francisco. **O amor no século XX**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, Rio Grande do Sul, v. 24, n. 2, 2012. p.149-168

SANTOS, Fernando Cesar dos. **Romantismo: concepções estéticas, culturais e historiográficas na obra Os Miseráveis (1862) de Victor Hugo**. . 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SOUZA, Lucas Nunes de. **Joaquim Manuel de Macedo: um cronista no romantismo brasileiro**. . 96 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

WATT, Ian. **A ascensão do romance estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990